

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Faculdade Ciências Humanas  
Departamento de História  
Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura  
Professor: Ignácio Delgado

**Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos:  
Os sujeitos da EJA vistos pela escola e por eles mesmos e como transitam o  
conhecimento e os saberes na EJA.**

Monalisa Pires Medeiros

Juiz de Fora  
2014

A escola escolhida para a observação da Prática Escolar III foi a Escola Estadual Cônego Joaquim Monteiro, que está localizada na Praça da Bandeira, no centro da cidade de Matias Barbosa.

Na escola, as atividades da Educação de Jovens e Adultos, são desenvolvidas somente em nível médio, não abrangendo o Ensino Fundamental. E neste ano de 2014, foram abertas somente duas turmas de EJA, a EJA2 (correspondendo ao 2º ano do Ensino Médio) e a EJA3 (correspondendo ao 3º ano do Ensino Médio). A justificativa da escola por só haver essas duas turmas correspondentes aos dois últimos anos do Ensino Médio, é de que não houve demanda para que fosse aberta a turma de EJA1, que seria a turma correspondente ao 1º ano do Ensino médio. Portanto, as duas turmas existentes foram observadas, com o acompanhamento das aulas de Literatura.

A turma de EJA2 é menor um pouco que a da EJA3, porém seus alunos se mostram mais frequentes e mais comprometidos em concluir a etapa e são mais participativos. Na EJA3, os alunos são mais agitados o que dificulta um pouco o andamento das aulas. Porém nas duas turmas, há o interesse de boa parte dos alunos em prestar à atenção e participar das aulas. A relação professor-aluno é boa nas duas turmas, mas se dá de forma mais harmônica na EJA2.

A composição das turmas com relação à faixa etária é bem misturada. Encontramos alunos já adultos, senhores e senhoras, mães e pais de família, até mesmo já avós, de origem simples, que mais cedo não puderam terminar sua trajetória escolar, e que agora buscam completar essa etapa. E os jovens, muitas vezes abandonam a escola, por estar desmotivados, boa parte das jovens abandonam a escola por motivo de gravidez, e outros. Não há predominância de uma faixa etária específica nas turmas. As idades dos alunos variam desde os 20 e poucos anos até os 50 e poucos anos.

Pode-se concluir, portanto, como afirma Marta Kohl de Oliveira, que as turmas da Educação para Jovens e Adultos, são formadas por alunos não-crianças e que seriam o que se pode chamar de “excluídos” da Escola, aqueles que não estão, ou estiveram dentro do perfil que as escolas são preparadas para receber.

### *Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos sob o olhar da escola:*

Segundo a coordenadora pedagógica da escola observada, esses sujeitos que compõem a EJA, são pessoas que por diversos motivos (assumir as responsabilidades da família, a maternidade, o ingresso precoce no mercado de trabalho devido às dificuldades financeiras, entre muitos outros) foram afastados do ambiente escolar, e interromperam a sua trajetória, seus estudos, e agora buscam essa retomada.

Para a coordenadora pedagógica, a posição da escola em relação a esses sujeitos, é a de auxiliá-los da melhor forma possível para que cheguem aos seus objetivos finais, que na maioria dos casos é a necessidade de um diploma para se manter no emprego, ou para buscar melhorias no mesmo.

Devido a essa forte motivação de retomar os estudos com o objetivo de melhor qualidade de vida através de um emprego, a escola, se disponibiliza a encaminhar ao empregador desses sujeitos da EJA uma declaração onde constata para os devidos fins, que aquele aluno se encontra devidamente matriculado, a fim de concluir seus objetivos escolares e conseguir o diploma que tanto precisa, dessa forma, o empregador sabe do compromisso que aquele funcionário tem para progredir.

O diálogo entre empregadores e escola é grande, de acordo com a coordenadora pedagógica, além dessa declaração que a escola encaminha ao trabalho dos alunos, assegurando que esses estão matriculados na EJA, também nos casos dos alunos que tem a necessidade de chegar um pouco depois do início das aulas devido ao horário de trabalho, o empregador se encarrega de declarar para escola a necessidade de seu funcionário chegar mais tarde, e essa providencia a autorização para este aluno entrar nas dependências da escola após o horário.

Outro motivo apontado pela coordenadora pedagógica da escola, para essa retomada dos estudos por esses sujeitos, seria a busca por conhecimento. Segundo ela, o público mais velho, alguns já até aposentados, não estão ali com o mesmo foco dos mais jovens, o mercado de trabalho, mas sim estão em busca de conhecimento, para entender melhor as orientações de um médico, para entender melhor uma notícia de jornal, para se aprimorar nas coisas do dia-a-dia.

Com relação à função pedagógica da EJA, a supervisora coloca que, deve-se sempre levar em conta que esses alunos que estão ali inseridos, tem toda uma bagagem que não pode ser desconsiderada (filhos, família, emprego) e também tem que se levar em conta a qualidade do ensino, que mesmo sendo feito num período mais curto, deve ter qualidade. As áreas de conhecimento, os conteúdos curriculares, seguem todos o mesmo padrão do Ensino Médio comum, com o cuidado somente de pensar sempre no tempo de 6 meses para cumprir com o conteúdo sem perder a qualidade.

Há apenas uma distinção entre a forma como a EJA da escola se estrutura, em relação às turmas de Ensino Médio, a média alcançada pelos alunos da EJA para a conclusão da etapa deve ser de 60% de aproveitamento, enquanto os demais alunos do ensino regular devem alcançar 50% de aproveitamento. É importante destacar que não há uso de livro didático, devido à ausência de um livro específico para o segmento da EJA, e também pela dificuldade que os alunos teriam para levar esse material para aula, visto que muitos vão direto do trabalho para a escola.

As escolas estão preparadas para atender um público infantil, de crianças, que não estão inseridas no mundo adulto, no mercado de trabalho. A autora Martha destaca que há uma gana muito grande de estudos e de teorias psicológicas a respeito das crianças, do desenvolvimento educacional infantil. E que no que diz respeito aos jovens e adultos o desenvolvimento ainda se inicia, e ressalta que é importante levar em conta, o que difere as faixas etárias em questão (o adulto está inserido no mundo do trabalho, diferente de crianças e adolescentes, entre outras).

Segundo a escola não há um critério definido para separação de turmas. Esse ano, por exemplo, não houve divisão, cada segmento da EJA só teve uma turma aberta. Em anos anteriores, a separação ficou definida em conjunto com os alunos (alunos que tinham facilidade de se ver para fazer trabalho escolhiam ficar na mesma turma, alunos que moravam perto e davam carona um para o outro ficavam na mesma turma, entre outros).

A escola não sofre com problemas de indisciplina com relação aos alunos da EJA. A coordenadora relata, que a relação entre escola-aluno é tão boa, que o que é comum acontecer são os alunos procurarem a ela, ou a direção da escola com problemas pessoais, buscando conselhos e coisas a fim, mas os problemas de indisciplina são ausentes.

Ainda destacando esse aspecto de boa relação entre os alunos da EJA e escola, alguns alunos tem a necessidade de levar os filhos para o ambiente escolar, por falta de ter com quem deixar, e a escola não vê empecilho nenhum nisso, pelo contrário, ajuda e auxilia esses alunos que levam os filhos. Esse é um fato relatado pela supervisora e constado nas observações.

### **Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos sob o olhar de si mesmos:**

Iniciar uma conversa com esses sujeitos da EJA nem sempre é muito fácil, e nem mesmo a escolha de com quem iniciar uma conversa é fácil. Ao observar as duas turmas, foram percebidas peculiaridades entre os alunos, e essas peculiaridades que levaram as escolhas dos alunos que seriam entrevistados.

A primeira conversa se estabeleceu com uma aluna de 24 anos, da EJA3, eu tenho dois filhos, um menino de 5 anos e uma menina de quase 2 anos. Essa aluna é uma ex-colega de turma, que contou sua história espontaneamente. Ela se mudou da cidade de Matias Barbosa para o Rio de Janeiro aos 16 anos, parou de estudar, engravidou de seu filho mais velho, e acabou retornando para Matias Barbosa há mais ou menos uns 3 anos. Já de volta e ainda sem retomar os estudos engravidou de sua filha mais nova. Ela não se preocupava com trabalho, nem mesmo estudos, pois seu pai lhe dava todo o suporte necessário com seus filhos. Seu pai era caminhoneiro, ele a situação financeira da família não era tão difícil. Muito abalada à aluna conta que o pai morreu, e ele homem muito conhecido e admirado por todos da cidade faz muita falta a todos, e principalmente a ela, que se viu sem seu porto seguro. A aluna se viu, com 20 e poucos anos, dois filhos, desempregada, sem terminar os estudos e sem seu pai, que foi um pilar tão importante na sua vida. “Precisei arrumar um emprego para criar meus filhos. Consegui uma vaga de “papa-fila” no pedágio, mas pra conseguir melhorar lá dentro eu precisava voltar a estudar”. Foi assim que essa aluna procurou no início de

2014 a Escola Cônego Joaquim Monteiro, incentivada por sua mãe e retomou os estudos. “Esses empregos de “papa-fila” são temporários, hoje sustento meus filhos fazendo bombons e trazendo para vender na escola, eu já fazia doces quando eu morei no Rio, e agora resolvi voltar a fazer para cuidar da minha família. Essa aluna espera se formar no final do ano e conseguir um emprego, e que assim possa dar mais segurança e qualidade de vida aos filhos.

A segunda aluna então “escolhida” para a entrevista foi à mãe da aluna citada a cima, que esta matriculada e freqüente na EJA2, um nível abaixo de sua filha. Essa aluna é uma senhora que tem a idade na casa dos 50 anos, mas com uma cabeça jovem e alto astral que não se deixa abater pelas adversidades da vida. Ela conta que não pode estudar quando nova, porque naquela época os filhos tinham que parar de estudar para arrumar um emprego e ajudar em casa, e que agora já mais madura ela resolveu retomar os estudos, pois acha que nunca é tarde para seguir enfrente. “Eu comecei a trabalhar muito nova pra ajudar em casa, e hoje que meus filhos já estão todos criados e eu não preciso mais ficar presa ao ambiente familiar, eu faço as coisas que não pude fazer quando eu era nova. Eu malho, estudo, vou pra Juiz de Fora passear, aproveito agora o que eu não pude na juventude”.

Nessa mesma turma ainda foi estabelecida um conversa com um aluno, tímido a princípio que estava sentado no fundo da turma. Bastaram 5 minutos de conversa e ele já estava solto, contando que tem 32 anos, que estava ali querendo conseguir um diploma, pois tem muita vontade de conseguir condições de trabalho melhor. Ele parou de estudar porque era aquele aluno taxado como “aluno-problema”, já havia repetido o ano, foi ficando desmotivado com a escola, começou a trabalhar conciliar a rotina foi ficando difícil e ele acabou parando de estudar. “Hoje eu to aqui, porque eu sei que um diploma faz falta, porque eu quero melhorar de vida, quando eu era moleque eu não tinha essa visão, a escola pra mim era um saco, eu queria estar longe dali, e hoje vejo o tempo que perdi pensando assim”.

A última entrevistada é a mais nova das jovens das duas turmas. Cursa hoje o EJA2, e estava muito ressabiada com a conversa. Ela conta que já estudava à noite quando parou de estudar, aos 18 anos e terminando o 9º ano do Ensino Fundamental. “Eu precisei parar porque estava grávida, tive uma menininha que hoje está com quase 2

anos, e esse de agora eu ainda não sei o que, estou de 6 meses”. Ela esta grávida de 6 meses, de um bebê que ainda não sabe o sexo, e vai ter que interromper novamente os estudos, visto que ela conseguirá completar o EJA2 e vai ficar faltando o EJA3 para a obtenção do diploma. “Eu quero conseguir acabar o EJA2 antes do neném nascer, e quando der vou voltar e terminar sei que é importante nos dias de hoje ter o diploma do segundo grau, quero poder dar uma vida boa pros meus filhos”. Ela como grande parte dos entrevistados não pensa ainda em curso técnico nem faculdade.

As conversas feitas, e também as observações, afinal há muito mais o que se saber desses alunos do que o que aqui está exposto nos leva a perceber que esses alunos são pessoas que interromperam suas trajetórias escolares, por opção (caso de quem estava desmotivado e acabou abandonando o ambiente escolar) ou por falta de opção (caso de gravidez, ter que trabalhar para ajudar a família), mas que hoje de alguma forma valorizam a escola, e querem tirar o melhor que podem dela. Esses sujeitos tem uma vida extra-classe, que muitas vezes vem carregada de responsabilidades (filhos, casa para sustentar, emprego,...).

Os alunos se identificam uns com os outros, suas trajetórias muitas vezes são parecidas, e eles criam uma rede de colaboração que é muito interessante, onde o que tem mais facilidade em matemática, ajuda ao que tem dificuldade, o que é bom em português ajuda o que não é, e assim eles vão construindo o seu diploma, mas também construindo uma rede de amizades, onde os mais jovens respeitam os mais velhos, que cuidam dos mais novos, e puxam a orelha quando precisa. Se isso é uma peculiaridade, de uma cidade pequena, onde as pessoas na maioria das vezes se conhecem fora da escola, não há como saber, mas que isso beneficia o ambiente escolar, isso sim é indiscutível.

Com relação ao que os alunos apreendem na escola e como isso funciona fora dela, o uso que isso tem fora dela, quem é mãe normalmente diz que o que se aprende ajuda a tirar as dúvidas dos filhos, a ensinar um dever de casa aos filhos, e quem trabalha destaca que usa os conhecimentos em alguma coisa no serviço. Por exemplo, a aluna que passou um tempo no pedágio, precisava ter o raciocínio rápido para receber e dar o troco aos usuários da via, para descongestionar as filas.

Assim é possível destacar que, a Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual Cônego Joaquim Monteiro, é composta por diferentes sujeitos, mas com trajetórias de vida que em algum momento se assemelham, e que em sua maioria estão em busca do diploma para melhoria de vida, seja porque o diploma pode promover melhores condições de trabalho, ou pelo que se pode chamar de “status cultural”, que é a relação que as pessoas fazem que pessoa culta é a pessoa que estuda, assim a retomada dos estudos significa expansão de conhecimentos.

A escola realmente se esforça para ajudar os alunos a alcançarem seus objetivos, apesar de nem sempre haver consenso entre os professores e coordenação pedagógica, as situações adversas são contornadas da melhor forma possível. Falta um pouco de incentivo por parte da escola e dos professores com relação à extensão desses estudos. Não há, ou pelo menos não foi observado, nenhum tipo de intervenção com relação ao “pós-diploma”, além do incentivo ao estudo para obtenção do diploma, não se observa nenhum tipo de projeto ou incentivo para que esses sujeitos pensem em mais, queiram mais, para que esses sujeitos sejam incentivados a dar continuidade aos estudos após completarem a EJA, fazendo uma faculdade, ou um curso-técnico profissionalizante.

### **Relação conhecimento e saber**

A observação feita na Escola Cônego Joaquim Monteiro, faz contemplar uma visão dominante por parte do corpo pedagógico de uma Educação de Jovens e Adultos, onde tudo gira em torno e em prol da obtenção do diploma por parte dos alunos, e do diploma, meramente pelo diploma.

Não há por parte do corpo pedagógico a visão de que aqueles alunos estejam buscando saberes para levar pro ambiente extra-escolar, para a vida, para dar funcionalidade aos conhecimentos adquiridos na instituição escolar.

Ao acompanhar um dia da rotina da turma EJA3, essa visão de que os professores “dão aula por dar aula” e que os alunos estão ali pelo “diploma pelo diploma” fica mais forte. Fica mais forte na visão dominante, na visão dos professores, que por ter iniciado o mês de novembro, começam com pressuposto que já está no fim



de ano, e que as coisas devem seguir um ritmo mais lento. E isso ocorre nas aulas de duas das três disciplinas acompanhadas naquele dia.

A professora de português entra na sala e logo dá um texto e uma interpretação sobre o texto. Ela passa o texto e as questões no quadro, senta à sua mesa, e dali ela fica às duas aulas que tem. Conversa com alguns alunos, chama alguns à sua mesa para conversarem sobre nota, e pouco tempo depois a turma começa com assuntos paralelos. Um aluno então aproveita o momento e pergunta a professora, o que ela acha possível de cair no Enem relacionado à sua matéria, essa responde que deve ser texto, e o assunto continua somente entre os alunos, que ficam especulando a prova.

O sinal toca e vem a aula da professora de biologia. Essa entra e informa sobre uma prova, que será aplicada à turma na semana seguinte, e começa a fazer uma revisão no quadro. O assunto da aula é genética. Os exemplos dados se aproximam da realidade dos alunos. Ela busca os alunos e perguntando sobre os seus parentescos e assim vai explicando a matéria iniciando pela “genética” da família deles começa a explicar e revisar a matéria. Segundo Inês Barbosa, em seu texto: “Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA”, aproximar o conteúdo escolar da realidade do aluno é muito importante, ela argumenta que os critérios e modos de organização curricular não buscam dialogar nem com os saberes nem com os desejos e expectativas dos jovens a que se destinam. Portanto valorizar os saberes dos alunos se torna algo essencial no processo de ensino aprendizagem.

Na segunda aula, após o intervalo dos alunos, ela passa um exercício de fixação, que todos fazem, ainda com dificuldades.

A última aula é de Educação Física, e já começa um murmurinho, de que o professor não vai dar nada mesmo, e que eles já estão cansados. Muitos se levantam e vão embora, os que ficam em sua maioria dependem de condução para ir para casa. O professor chega e pergunta o que os alunos estão fazendo, e eles respondem que estão terminando o exercício de biologia. O professor então “libera” a aula para que os alunos terminem o exercício. A escola não possui quadra, ou um espaço destinado para as aulas de Educação Física, as aulas práticas são ministradas por esse professor durante à tarde

num clube que empresta a quadra para a escola, e a aula da noite é a aula teórica que agora é obrigatória.

Essa questão da falta de um local adequado para essas aulas é coisa antiga, de muitos anos e que ainda não foi solucionado. Em um dos dias durante o intervalo, o diretor entra na sala dos professores para dar um recado, e brinca com o professor de Educação Física, que o trabalho dele é muito bom, que ele fica passeando pelas ruas da cidade no horário das aulas e ainda ganha para isso. O professor justifica os alunos não aparecem, eu faço isso para passar o tempo.

Claro que os alunos não vão aparecer. Essas aulas são ministradas em horário impróprio para eles. Muitos trabalham, muitos tem que cuidar de casa e de filhos, como vão estar presentes numa aula de Educação Física no meio da tarde?

Analisando essas informações, percebemos o que a autora Inês Barbosa trás em seu texto, onde a autora fala que o currículo na visão dominante é algo compensatório, possui uma visão compensatória. Ou seja, esses alunos que não puderam estudar no tempo certo, e agora retomam, já estão com prejuízo, então qualquer coisa já é lucro, qualquer coisa já compensa para eles. Sendo assim às aulas práticas de Educação Física não precisam ser adequadas ao horário noturno, porque esses alunos já fazem vantagem de ter as outras disciplinas, é o que da a entender ao se observar uma situação dessas.

A partir desse momento, as aulas que são acompanhadas, passam a ser as de Português e Artes, que são ministradas pela mesma professora e foram observadas na EJA3. As aulas de Português acontecem nas segundas-feiras e as aulas de Artes nas quartas-feiras. Porém a professora marca prova de português para a quarta-feira seguinte, e explica que quer aproveitar as aulas germinadas para que os alunos tenham mais tempo de fazer a avaliação. E assim acontece, os alunos ficam com o tempo das duas aulas para fazer a prova, e claro acaba sendo muito, visto que a prova continha 10 questões fechadas, e todas de interpretação de texto. De acordo com que os alunos iam terminando começa a conversa na sala, e a professora não se manifestou, deixou o tempo correr

Ao retornar na escola após esse dia, fui informada que a professora que ministrava às aulas que estavam sendo acompanhadas estava de licença médica por 15 dias, e que aquele dia, os alunos estavam sem aula de Português e que assim que fosse encontrado um professor pra cobrir essa licença a escola estaria entrando em contato para que as observações continuassem.

Esse contato não existiu, pois os alunos ficaram sem aulas de Português e Artes esses 15 dias. Passado esses dias, a professora retoma e já apertada com os prazos para entrega das notas e da lista dos alunos em recuperação a professora marca prova e mais uma vez usa a aula para dar outra interpretação de texto. Os alunos começam a resistir um pouco em copiar. A professora então informa que a partir dali, tudo o que for dado irá valer visto para somar aos pontos de conceito que ela irá distribuir, somando no total 20 pontos de conceito e visto, dos 50 pontos totais do bimestre.

Dessa forma os alunos são obrigados a fazer. E assim as aulas se seguem com exceção às aulas onde foram aplicadas provas, a professora só trabalhou texto e interpretação de texto com os alunos. Uma aluna vem até mim e reclama – “Nossa Português é só texto?”. Na tentativa de amenizar destaco a importância que tem para as provas de hoje (Enem e vestibular) saber interpretar bem um texto, e logo sou desarmada no meu argumento por ela, que me diz que é importante, mas que não é só isso que é importante. E ela tem razão.

Podemos refletir que como afirma Inês, o conhecimento se tece a partir de experiências, quando as informações se interligam e ganham um sentido próprio, não fazendo sentido estabelecer um trajeto único e obrigatório para todos os sujeitos. E se isso não acontece como no caso acima, gera descontentamento e desinteresse por parte dos alunos que acabam desmotivados. A autora destaca também que na EJA ainda existem os agravantes da idade, da vivência social, e da cultura dos educandos que muitas vezes são ignorados.

As aulas de artes desaparecem em meio às de Português. Parece que devido à licença a professora ficou com pouco tempo e os alunos passam a ter aulas de Português, na segunda-feira e na quarta-feira.

Esse fato do desaparecimento das aulas de Artes para privilegiar as de Português, vem reforçar outro ponto de vista da autora e pesquisadora Inês Barbosa, que questiona a visão formalista do currículo, onde a superioridade do saber teórico se sobressai ao do prático, onde o intelectual é mais importante que o manual, e onde o “Português” é mais importante que a “Arte”.

A última aula que é acompanhada é numa quarta-feira, que está sendo dada a última prova de Português, após os alunos terminarem a prova, a professora informa que todos aqueles que foram freqüentes na disciplina, e que fizeram as atividades podem ser considerados de férias das suas disciplinas, pois passaram de fase e se formaram.

É possível concluir após essas observações e reflexões feitas, que ainda é preciso caminhar muito para que se estruture uma Educação de Jovens e Adultos nos moldes ideais, onde o currículo seja parte de um processo em que os participantes ressignifiquem suas experiências a partir das redes de poderes saberes e fazeres das quais participam. E que essa visão de que os sujeitos da EJA são pessoas em busca do “diploma pelo diploma” seja dissipada e que dê lugar a uma visão de que essas pessoas que frequentam aulas noturnas em busca de uma formação tardia, não estão atrás de algo puramente compensatório, mas que querem se formar, no sentido de formação de pessoa, de que querem compor uma pessoa mais capacitada, não somente pelo profissional, mas também no pessoal.

Cada uma dessas pessoas tem suas histórias de vida, suas bagagens. E tem os seus objetivos, portanto o caminho não pode ser único, não pode ser voltado somente para o trabalho, mas tem que ser abrangente, para que cada um possa ver na EJA a possibilidade de realização do seu sonho, independente de qual seja, mas que foi forte o suficiente para movê-lo até ali e para mantê-lo motivado.

Referências:

OLIVEIRA, Marta Kohl de. “Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem”. In: *Educação como Exercício de aprendizagem*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2005.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. “Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA”. *Educar*, Curitiba, n. 29, p. 83-100, 2007. Editora UFPR.